

PROGRAMA MAIS MÉDICOS: AVERSÃO E PRECONCEITO. UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE FRANTZ FANON

Rogério Macedo Ramos¹

O presente trabalho tem por objetivo discutir e analisar o ódio e aversão ao programa “Mais Médicos”, que foram difundidos pelos canais de comunicação brasileiro, revistas e jornais. Entende-se que esse discurso contribui para disseminar repulsa e ódio, e que faz presente nas várias classes sociais, principalmente, as médias, tanto atribuído ao programa, bem como aos cubanos. Esses sujeitos foram imputados estereótipos que acabam por marcar um processo de inferiorização devido a cor da pele, ou seja, por ser negro e também comunista. Para tanto, toma-se como referencial de análise a questão racial na perspectiva de pensamento de Frantz Fanon (2008), a categoria estabelecidos-outsiders de Norbert Elias e John Scotlson (2008), em relação a esse sujeito que chega em um espaço estabelecido e sofre discriminação. Isso atrelado à discussão no que se refere às categorias cunhadas por Jessé Souza (2009), tais como: classe média, trabalhadores e ralé brasileira, dando corpo ao trabalho, já que essas categorias contribuem para formar um universo social de privilégios e reprodução do discurso elitista.

Palavras chave: Mais médicos, classe média, cubanos, ódio e inferiorização

¹ Acadêmico do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – rogeriomacedoramos@yahoo.com.br
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

Programa Mais Médicos: Um breve panorama, importância e objetivos

A falta de profissionais de saúde em lugares remotos e de difícil acesso não é um problema que atinge apenas países como o Brasil, mas mundial (ARAÚJO, et al, 2015). A concentração de profissionais médicos em grandes cidades, demonstra que existem poucas estratégias de incentivo, apoio e políticas públicas que visam destinar o contingente às regiões onde necessitam desses profissionais. Essa desigualdade de distribuição acaba afetando e aumentando os problemas sociais dessas localidades que não dispõem de assistência médica adequada (ARAÚJO, et al, 2015).

O Brasil, historicamente muitas comunidades vulneráveis sofrem com a escassez desses profissionais da saúde, poucos recursos, bem como acesso ao sistema de saúde é bem precário. O Programa Mais Médicos vem tentar atenuar os problemas e dificuldades enfrentadas por essas localidades, e que apesar das críticas e posições contrárias, esse programa busca a universalização do acesso à saúde. Dessa forma, o Mais Médicos foi feito mediante três eixos que compõem sua ação e objetivo:

O primeiro é o investimento na melhoria da infraestrutura da rede de saúde, particularmente nas unidades básicas de saúde. O segundo é a ampliação e reformas educacionais dos cursos de graduação em medicina e residência médica no país. O terceiro, intitulado Projeto Mais Médicos para o Brasil (PMMB), é o de provisão emergencial de médicos em áreas vulneráveis (ARAÚJO, et al, 2015, p.03).

O programa mais médicos foi criado em 2013 pelo governo federal com objetivo de promover a saúde pública no país, de modo a expandir a ida de médicos de vários países, inclusive brasileiros para localidades remotas que sofrem com a falta de um profissional da área médica (SANTOS, et al, 2015). Dessa forma, os profissionais de saúde vieram preencher a falta de profissionais em áreas historicamente negligenciadas pelos governos federais e estaduais, a intenção do programa era compor o quadro por médicos brasileiros e de outros países como: Espanha, Portugal e Grécia. Neste caso, os médicos cubanos vieram por possuírem formação e também experiência específica no que confere Atenção Primária, bem como Medicina de Família e Comunidade, diferente da maioria dos médicos brasileiros que não dispõem disso (CAMPOS e PEREIRA JÚNIOR, 2016).

O enfrentamento da negligência em relação à atenção básica, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, as desigualdades na distribuição de médicos nas diversas regiões do país, são problemas presentes em diversas comunidades brasileiras, como por exemplo: quilombolas, ribeirinhas, indígenas, populações de áreas extrema pobreza, do campo e periferias urbanas

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

(ARAÚJO, et al, 2015). E este programa foi uma forma que se encontrou para solucionar tais problemas, bem como ampliar a cobertura da saúde, especificamente da atenção básica, em áreas remotas e vulneráveis. E para atrair os profissionais da saúde, buscou-se fazer estratégias de incentivo, sendo: “políticas de regulação, tais como serviço obrigatório, incentivos monetários. Houve também bolsas de estudo, incentivos não monetários, como extensão de visto de permanência para estrangeiros” (ARAÚJO, et al, 2015, p.02). Foram recrutados médicos de diversas nacionalidades, tais como: cubanos, espanhóis, além de brasileiros para atuarem na atenção à saúde básica e outros serviços em diversos municípios em todo o território nacional.

Neste contexto, a atenção básica no país passou a ganhar destaque com a implementação do SUS, e no caso específico do Mais Médicos, houve uma consolidação dentro dos objetivos da política nacional de atenção básica. E a partir de então, ocorreu uma articulação com os municípios que receberam os profissionais da saúde, apesar de que o recrutamento, remuneração, distribuição e formação de médicos ficam a cargo do Ministério da Saúde. A vinda de profissionais de outros países foi possibilitada através da “cooperação internacional tripartite entre a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), governo de Cuba e governo brasileiro” (CAMPOS e JÚNIOR, 2016, p.2659), destaca-se nesse processo os cubanos que, diferente da maioria dos médicos brasileiros, possuem formação e também experiência específica no que confere Atenção Primária, bem como Medicina de Família e Comunidade (CAMPOS e JÚNIOR, 2016). Segundo a matéria: “mais consultas mais cuidado e melhores instalações” do site Mais médicos do governo federal, estudos recentes mostram que houve significativa diminuição da iniquidade devido à presença desses profissionais mediante consultas médicas, visitas domiciliares, processo de retorno mais ágil, acompanhamento e tratamento de doenças e outros. Essas ações demonstram que o programa vem tendo efeitos satisfatórios, apesar da necessidade de buscar melhorar o acesso das populações que enfrentam diversos obstáculos para acessarem os serviços essenciais de saúde no Brasil.

Reflexões acerca de posicionamentos contrários ao Mais Médicos

Apesar do progressos alcançados pelo programa, este também tem sofrido com muitas críticas e posições contrárias, tanto política e ideologicamente. Isso porque grande parte das entidades de classe que representam os profissionais médicos do país se posicionaram contrários a vinda de médicos de outros países, principalmente os cubanos. Dentre suas

alegações, destaca-se a revalidação dos diplomas de estrangeiros previstas em lei para o exercício da profissão em território nacional, haja vista que não houve a necessidade de fazerem tal comprovação (CAMPOS e JÚNIOR, 2016).

Partimos do pressuposto que os posicionamentos e discursos contrários têm conotação político ideológico, já que tratam-se de entidades elitistas e que procuram manter suas influências no sistema de saúde do país. Muitos são vinculados a planos de saúde privado e seus interesses vão para além de uma promoção da melhoria da saúde das populações que necessitam de atendimento médico, bem como enfrentam sérios problemas para acessarem serviços de saúde. Neste trecho abaixo, em que a Professora Deisy Ventura concedeu a jornalista Eliane Brum, evidencia o interesse das classes médias e sua aversão ao programa, bem como o caráter político do movimento das entidades médicas que nada tem a ver com o interesse da população, mas estritamente, dessas entidades.

É importante entender essa diferença porque há um movimento político, organizado por algumas das mais importantes associações médicas brasileiras, que procura denegrir a imagem dos médicos estrangeiros e gerar a desconfiança da população. Em 26 de junho, AMB (Associação Médica Brasileira), ANMR (Associação Nacional dos Médicos Residentes), CFM (Conselho Federal de Medicina) e FENAM (Federação Nacional dos Médicos) divulgaram nota em que se referem a todos os médicos estrangeiros, sem fazer distinção alguma, como “profissionais mal formados e desqualificados” (Revista Época, set. 2013).

Dessa forma, o programa não foi visto com bons olhos pela classe médica, principal interessada no assunto, haja vista que a iniciativa mexia em um campo por ela ocupado e bem delimitado, ou seja o da saúde pública. Assim, passaram a imputar a esses sujeitos como sendo profissionais de nível inferior, mal formados e que aceitaram uma forma de contrato de trabalho precário. Mostrou-se que o discurso era de cunho político liberal-conservador e ideológico, pautado na ideia de que o salário do médico ia diretamente para o governo cubano. Isso incomodou as elites brasileiras que não concordam também com uma aproximação diplomática entre Brasil e Cuba.

Esta questão da aversão aos médicos cubanos ganha destaque neste debate não apenas pela política, mas vai além, ou seja, traz uma questão ideológica. Dessa maneira, esse assunto vem à tona no momento em que há algumas relações diplomáticas entre o Brasil e o governo cubano. Trata-se nesse sentido também, do repúdio ao diferente, ao outro que vem de uma região periférica, que não pertence a mesma classe social, capaz de imputar aversão a presença desse sujeito migrante.

Mais uma vez, ganha evidência a questão do olhar, não apenas sobre aquele que vem de fora – o “estrangeiro” – como sobre aquele que deveria estar dentro, mas está fora e também é visto como um outro distante – definido como “população carente” ou “camadas desassistidas” ou ainda “usuário do SUS”. Visto como um outro tão distante que o presidente do Conselho Regional de

Medicina de Minas Gerais, João Batista Gomes Soares, sentiu-se à vontade para declarar ao jornal Estado de Minas: “Vou orientar meus médicos a não socorrerem erros dos colegas cubanos” (Revista Época, set. 2013).

A mídia como propagadora do discurso de aversão e ódio aos Mais Médicos

A mídia brasileira tem importante papel na difusão das ideias das classes dominantes na sociedade. Trata-se de um mecanismo que acaba sendo um instrumento utilizado para inferiorizar as classes pobres, visto que é através da informação manipulada que o discurso elitista é difundido, pautado nos valores tidos como superiores, é comumente incorporado nas estruturas sociais, e nas relações do cotidiano. Nesse sentido, colabora para reforçar e manter seus privilégios, tais como: no acesso à saúde, educação, moradia, na disputa política, vantagens econômicas, de modo a conservar seu status de classe superior (SOUZA, 2009). E é através desse veículo de notícias que o discurso de ódio ganha força, se propaga contra os programas sociais, neste caso, o Mais Médicos, e que mexe em um campo comumente ocupado pela elite médica, composta em sua maioria por brancos.

Na tentativa de compreender o que se difunde na mídia e redes sociais acerca do programa em debate, foram feitos levantamentos de títulos referente a matérias de algumas das principais revistas no país. Nesse sentido, destacam-se as revistas Veja, Exame e Isto é. Nas análises realizadas, percebe-se claramente que o teor do que estava sendo difundido implicava numa ênfase exacerbada, na busca de colocar o elemento cubano sempre em evidência. Títulos como: “Justiça autoriza cubana do Mais Médicos a ficar no Brasil” (Revista Exame, 27 out. 2016), “Cubana do Mais Médicos foge para Miami após pressão da ilha” (Revista Exame, 31 mar. 2015). E Matérias da Veja, tais como: “Mais Médicos: Brasil já transferiu R\$ 2,8 bi para Cuba” (Revista Veja, 11 jul. 2015), “Médica cubana não quer deixar o Brasil e se insurge contra Havana” (Revista Veja, 09 fev. 2017). E ainda na revista Isto é: “Cubana do Mais Médicos Ganha direito de receber salários atrasados” (Revista Isto é, 24 mar. 2017), “Cuba suspende envio de médicos para o Brasil” (Revista Isto é, 13 abr. 2017). Esses títulos evidenciam a intenção por parte da imprensa que atende a interesses de uma elite que se posiciona contrários a presenças do cubanos e as relações que existem entre esses países do cone sul.

Ao analisar tais títulos e reportagens de vários revistas e veículos de comunicação do país, percebe-se que nos assuntos que demandam o programa mais médicos, os cubanos estiveram em pauta em grande parte. Questiona-se o porquê de noticiar demasiadamente tanto Cuba quanto seus profissionais, uma vez que nos referidos títulos e matérias se quer mencionam outros médicos estrangeiros, como de Portugal, Espanha e Grécia, suas relações de trabalho e CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

situação na localidade para onde foram, e que também fazem parte do programa. No entanto, o que se percebeu foi que as matérias eram referenciadas maciçamente ao acordo de Cuba com o Brasil, principalmente no que diz respeito aos salários, as desistências e fugas de profissionais para outros países, comumente para os Estados Unidos. Neste contexto, as notícias ficaram atreladas nos vários empasses que se deu em relação a quem se opôs ao programa, como partidos políticos e as entidades médicas. E sendo que poucos foram as reportagens que trataram de expor os resultados do programa, mas que a partir do impeachment/golpe da presidenta Dilma, as matérias mudaram um pouco de caráter, ou seja, presença de poucas críticas ao programa, mas com o sujeito cubano ainda em evidência.

Estabelecidos-Outsiders: Relações socioculturais e conflitos nos espaços sociais

As diversas relações que se estabelecem no programa em questão ganham força na medida que se compreende os diversos espaços sociais que se formam em torno de interesses de várias classes, seja elas sociais, de trabalho, que procuram expressar privilégios, bem como valores, práticas e costumes (BOURDIEU, 2007). Para Bourdieu, os espaços sociais que compõem o campo social presentes em certas localidades são constituídos por diversas posições conflitantes, de dominação, subordinação, e que são aplicadas a vários contextos sociais. Essas relações num espaço urbano possuem uma estrutura em que um grupo que detém a hegemonia e outros que são dominados (BOURDIEU, 2007). Os grupos estabelecidos que se dispõem de mecanismos de controle buscam se situar e manter sua influência e ocupar melhor esses espaços. E quando se deparam com pessoas que não pertencem aos seus, como recém chegados, por exemplo, procuram ativar formas de domínios, e buscam afastar de seu convívio social esses de fora, que por sua vez tentam se estabelecer nesse novo lugar (ELIAS & SCOLTSON, 2000).

As relações entre os indivíduos que dividem os mesmos espaços sociais são marcadas por conflitos e interesses que vão para além de classes social. Nesse sentido, a categoria do sociólogo Norbert Elias ganha força na discussão entre médicos cubanos e entidades médicas classistas brasileira. Isso porque o migrante, tido como outsiders vem ocupar um lugar bastante delimitado por quem a mais tempo circula por este. Elias desenvolve a partir de um estudo feito com John L. Scotson em uma pequena localidade ao sul de Londres na Inglaterra, denominada de Winston Paiva a categoria estabelecidos-outsiders. Os estabelecidos são os mais antigos moradores da comunidade, dotados de um carisma grupal, com laços sociais sólidos e

consolidados, em detrimento dos outsiders, recém chegados, tidos como delinquentes, anômicos, com desonra grupal e desintegrados socialmente (ELIAS & SCOLTSON, 2000). É interessante notar que entre ambos os grupos, segundo Elias, não haviam diferenças econômica, de etnia ou cor: “Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, de cor ou raça entre os residentes das duas áreas, nem quanto à ocupação, renda, nível educacional ou classe social” (ELIAS & SCOLTSON, 2000, p.21). Porém, os de fora, eram rejeitados pelos mais antigos, que apesar de conviverem profissionalmente, haja vista eles eram todos operários da indústria, só que no convívio social a relação era bastante diferenciada, marcada pela relação de poder imputada aos outsiders, de preservação do domínio dos estabelecidos, de mecanismos de controle social, como a fofoca elogiosa e a depreciativa contra aqueles que eram suspeitos de cometerem alguma transgressão (ELIAS & SCOLTSON, 2000). A exclusão e estigmatização também foram outros aspectos que podem ser identificados na relação estabelecido-outsideers, uma vez que eram usados para preservar a identidade dos estabelecidos e afirmar sua superioridade. Assim era uma maneira de manter os outsiders em seu lugar, ou seja, distante socialmente dos estabelecidos, de modo a serem excluídos de diversas atividades, tais como reuniões comunitárias, lazer e outros.

Neste contexto, É importante ressaltar que essa categoria estabelecidos-outsideers não se aplica exclusivamente na localidade estudada no livro, mas vai além, ela é universalizada a partir do momento que serve como teoria de análise para outras realidades sociais:

O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior — o carisma grupal distintivo — que o grupo dominante atribuía a si mesmo. Assim, encontrava-se ali, nessa pequena comunidade de Winston Parva, como que em miniatura, um tema humano universal (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.19).

Dessa forma, é expandida e ganha força, já que dela pode compreender quais grupos são estabelecidos e outsiders nas relações sociais. Se os estabelecidos são os que detém os mecanismos de controle social, sendo então os que assumem as relações de poder e dominação em relação aos outsiders que, por se apresentarem de maneira desintegrada, não possuem uma coesão social, logo são submetidos aos mecanismos de dominação impostos pelos já estabelecidos (ELIAS & SCOLTSON, 2000). Além disso, são estigmatizados, inferiorizados e excluídos por não formarem “um grupo social” dotado de uma certa estrutura social. Nesse sentido, essa categoria é importante porque pode ser usada para compreender dentro de um determinado espaço urbano, como as relações sociais são construídas e constituídas em

referência aos grupos que migram para os centros urbanos, ou mesmo para localidades médias e pequenas (ELIAS & SCOLTSON, 2000).

É neste aspecto de migrante, inferiorizado, que sofre discriminação que estão os profissionais da saúde vindos de Cuba. O espaço que se atribui a uma classe que não permite dividi-lo, tão pouco circular por ele, e vão construindo estereótipos negativos e um discurso de aversão, ódio e intolerância à presença desse elemento, que é tido como estranho, que não faz parte e/ou pertencesse ao espaço que transita. Nas matérias e reportagens analisadas, mostram que a mídia acaba por reforçar o discurso dessa classe, que a usa como um importante mecanismo para se manter dominando e controlando esse território historicamente demarcada por uma elite branca e estabelecida.

Discussões sobre questões raciais no pensamento de Frantz Fanon

Neste processo que são imputados estereótipos e características negativas e inferiorização aos médicos cubanos, bem como preconceito e discriminação, a partir da cor da pele, faz-se necessário recorrer as reflexões e ideias do pensamento do autor martinicano Frantz Fanon, médico e intelectual pós-colonialista. Trata-se de um autor de formação filosófica e um revolucionário marxista que estudou áreas de pensamentos pós-coloniais, teoria crítica e marxismo. Destaca-se como linha de pensamento o racismo, desigualdades e mazelas presentes na colonização em sociedades pós-segunda guerra mundial. Refletiu acerca da população nas áreas ocupadas pela França, com destaque para a Argélia e Martinica (FAUSTINO, 2013). A relação de Fanon com a questão racial começa quando ele sente na própria pele a discriminação que passou ao se alistar para lutar na segunda guerra mundial. Na época, como a França havia sido invadida pelos nazistas, alistou-se e foi convocado para expulsar os nazistas, porém devido sua origem caribenha e negra, não era visto como igual pelos seus compatriotas devido à sua cor da pele (FAUSTINO, 2013). Esse “não-reconhecimento”, percebido por Fanon, em que os franceses brancos demonstraram ao não enxergar nele como um igual, influenciará de maneira decisiva na sua escrita, bem como prática política (FAUSTINO, 2013).

As análises críticas sobre o racismo realizadas por Fanon, juntamente com o desenvolvimento da fenomenologia social, contribuiram primordialmente para aprofunda-se os estudos acerca do racismo no neocolonialismo e entender os motivos que os negros não conseguem romper com a dominação colonial ao final do século XX (GORDON, 2015). E de acordo com este autor, Fanon, em suas principais indagações, questiona-se o que os negros

querem de fato, sendo essa indagação relacionada diretamente com a opressão racial que esses indivíduos sofrem no interior da sociedade (GORDON, 2015). E sua condição social faz parte da situação em que se encontram: “O negro, per se, não é o problema social, mas há uma construção social realizada pelo branco que estrutura uma desigualdade e, a partir daí, os negros se veem como o problema” (GORDON, 2015, p.110). Fica evidente que o negro acaba por incorporar aspectos que permeiam e se faz presente na dominação dos brancos imputadas a esse sujeito, sendo construída nas relações sociais, capaz de culpá-los pela condição desintegrada e posição de inferioridade em que encontram. E nesse contexto, estabelece uma aproximação com os estabelecidos-outsiders, em que a categoria elisiana traz aspectos como os expostos acima, como a dominação e inferioridade que são imputados aos outsiders. E neste trabalho em questão, o cubano, como objeto empírico é quem se faz presente nessas relações sociais e raciais.

O pensamento de Fanon traz reflexões importantes que contribuem para analisar a condição do homem negro, um vez que desde o processo de colonização, incorporou-se vários mecanismos subjetivos, estereótipos, seja através da linguagem, do sotaque, e características físicas construídos pelo branco europeu e que levaram o negro a se sentir inferior nos diversos aspectos culturais, políticos, sociais em que se encontra inserido (FANON, 2008). E nos diversos discursos analisados desde a chegada dos cubanos ao Brasil, houve a tentativa de inferioriza-los, principalmente através de alguns estereótipos. A fala abaixo é de uma jornalista que postou em uma rede social um comentário sobre os cubanos:

“Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma Cara de empregada doméstica! Será que São médicas Mesmo??? Afe que terrível. Médico, geralmente, tem postura, tem cara de médico, se impõe a partir da aparência... Coitada da nossa população. Será que eles entendem de dengue? E febre amarela? Deus proteja O nosso Povo!” (CESTARI e FONTANA, 2014, p. 174).

As expressões utilizadas no comentário exposto evidencia não somente o preconceito, mas demonstra que para ser médica deve ter “aparência de médica”, isso reforça a ideia de que para ser médico no Brasil deve-se ter uma tem que vir de determinada classe, e principalmente ser branca. Além disso, há um claro discriminação com profissões de baixa remuneração e que não exige tanta escolaridade, no caso em questão as das empregadas domésticas.

Nessa perspectiva de que há estereótipos definidos socialmente, sendo que, a jornalista ao dizer em sua conta no facebook “essas médicas cubanas têm cara de empregada doméstica”, evidencia não somente uma opinião de um sujeito isolado, mas demonstra uma fala impregnada nas relações sociais e de setores sociais bem definidos. Percebe-se que, a fala representa uma definição de posição de classes bastante consolidadas no Brasil, uma herança escravagista e

colonial que perpassa gerações, entra pelos estratos sociais, ganha corpo na relações cotidianamente e é reproduzida, tanto consciente quanto inconscientemente, isso dada a posição histórica das empregadas domésticas brasileiras inseridas no contexto de serviços braçais, subalternos, pouco valorizado, elas que compõem uma classe trabalhadora carregada de estigmas e preconceito (SOUZA, 2009). E em outro trecho, sua opinião acaba reforçando ainda a valorização da aparência:

Perdoe se vocês não pensam igual a mim. Paciência... kkkkkkk aparência conta sim! Se eu chegar numa consulta e encontrar um médico com cara de acabado ou num escritório de advocacia com um advogado mal vestido vou embora. O mesmo acontece num restaurante. Você primeiro come com os olhos para depois comer com a boca. A aparência do prato é tudo! (CESTANI e FONTANA, 2014, p.).

Nessa expressão, também percebemos como a posição social pensada por parte da sociedade é bem definida, a de que médicos deve ter perfil de branco, bem arrumado, cabelo de preferência liso, boa postura, isto é, se impor pela aparência que reproduz os status social das classes dominantes. Ao reproduzir a lógica da diferenciação visual do trecho extraído, entende-se que a desigualdade se faz também presente, isso porque as mulheres hostilizadas são médicas, uma profissão comumente identificada como elitista no Brasil, como se o pobre não tem espaço nesse meio, e por vim de um país com grande dificuldade financeira, mas cuja a educação é universalizada, deixa explícito a ideia de que a estrutura social não pode ser alterada, caso contrário provoca reações preconceituosas e reacionárias.

Um outro ponto que se identifica nas análises desenvolvidas por Fanon é a relação entre colonizador e colonizado. Nesse processo estão presentes características do elemento do colonizador, como a questão da linguagem, da cor da pele. E o que Fanon (2008) expõe é a intenção de abordar a condição do negro que, ao chegar à metrópole, tendo uma linguagem diferente, o que representa uma espécie de deslocamento, trata-se de um sentimento de inferioridade através da linguagem. O pesador martinicano chama atenção para esse aspecto, mas não somente no contexto do antilhano em relação ao francês, mas todos que se encontram nesse processo:

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado (FANON, 2008, p.34).

E neste caso, o médico cubano que migra para outro país, bastante diferente do de origem e onde vai se deparar com situação adversas, como a língua, aspectos físicos, de modo a enfrentar

os problemas que um espaço de relações bem definidas e de privilégios mantidos historicamente por uma classe dominante.

Os mecanismos de inferiorização em relação aos negros podem ser percebidos numa dimensão que envolve a cultura, classes sociais, capacidades intelectuais. Esses aspectos estão relacionados neste contexto dos cubanos, já que é uma forma de defender seu espaço e afirmar a ideia de superioridade do branco nas relações sociais. Isso remete à ideologia que predomina, isto é, o branco tido como razão, dotado de conhecimento, é o sujeito que pensa, já que o negro tem a emoção, está num plano inferior, tanto nas relações sociais, quanto no trabalho. A ideia, de acordo com Fanon, é compreender e criticar a inferiorização imputada ao negro, sendo que foi descoberto que, ligado à personalidade do negro, existe um complexo de inferioridade do negro em relação ao branco (ORTIZ, 2004). E em “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon também compreenderá que, “as estruturas sociais determinam a situação objetiva na qual o racismo se insere” (ORTIZ, 2004, p. 43). E segundo Faustino (2013), a alienação resultante da colonização provocou uma impossibilidade que o indivíduo tem de ser sujeito de sua própria história, ou seja, não possuindo as condições sociais para se constituir sujeito, isso decorre numa condição alienada. Dessa forma, Fanon descreve como funcionam os mecanismos de defesa e controle da consciência negra, de modo a compreender as estruturas sociais que determinam a situação objetiva na qual o racismo se insere, porém a escolha pertence ao domínio da subjetividade (ORTIZ, 2004).

Através desses aspectos até aqui discutidos acerca desses elementos identificados no tratamento aos profissionais cubanos, que buscam inferioriza-los, e muitos por serem negros. Imputar esses aspectos aos sujeitos não brancos, é tida para Fanon como espécie de alienação em que esta foi incorporada a partir do processo de colonização (FANON, 2008). Os exemplos citados e discutidos demonstram que a classe média brasileira, bem como a mídia, contribuem de maneira substancial na vinculação e disseminação dos discursos carregados de preconceito, aversão e ódio que foram lançados aos médicos de Cuba. São comportamentos e atitudes que foram formados no colonialismo, tendo o racismo sua grande expressão. E de acordo com Fanon (2008), é entendido como modos de socialmente de ver o mundo e viver nele. As formas de se expressar através da linguagem, o modo de se vestir, a própria cor da pele vão marcando e formando o racismo, que vai penetrar nas relações e estruturas sociais, e no cotidiano das pessoas (FANON, 2008). Isso acaba por desembocar nas profissões elitizadas, de alto nível de escolarização, determinando quem vai ocupa-las (SOUZA, 2009). E como no Brasil essas profissões são em sua maioria endereçadas a certos indivíduos, entrar nesse espaço, significa

mexer nas estruturas, romper certas barreiras, já que é um lugar difícil de ocupar, sendo estabelecido, direcionado a uma elite.

No entanto, Fanon não apenas descreve tais mecanismos, sua intenção em relação ao racismo é mais profunda, uma vez que ele indica, pensa o homem na desconstrução que o negro tem que ter para se desalienar, já que seu objetivo é esse: “Sendo nosso propósito a desalienação dos negros, gostaríamos que eles sentissem que, toda vez que há incompreensão entre eles diante do branco, há ausência de discernimento” (FANON, 2008, p. 49). Essa desalienação é pensada num plano individual, pois para Fanon a alienação do negro é uma questão subjetiva, individual, mas também sociogênica, isto é, influência da sociedade na consciência humana (FANON, 2008). Este indivíduo para se desalienar deve compreender as relações sociais, numa nítida tomada de consciência das realidades econômicas e sociais, e o racismo sendo imposto socialmente, capaz de penetrar nas estruturas e que volta para o indivíduo. Compreender isso para Fanon, faz parte do processo de emancipação do negro.

Contribuições das categorias de classes sociais de Jessé Souza nas análises sociais

As questões levantadas e até aqui debatidas acerca do Programa Mais Médicos e suas relações em torna das discussões raciais que envolvem mídia e classe média no Brasil, revelam aspectos que envolve uma gama de temas que estão presentes nas estruturas sociopolítica brasileira. As melhorias proporcionadas na última década pelos programas sociais dos governos petistas, como: bolsa família, luz para todos, regularização de terras quilombolas, expansão do crédito, valorização do salário mínimo em que proporcionaram as camadas mais pobres e de baixa renda melhorias (SINGER, 2012). Levando em consideração que puderam acessar também serviços essenciais como saúde, educação e moradia, em contrapartida, houve uma resistência da classe média brasileira, aliada ao ódio a essas pessoas que passaram a ter uma condição de vida bem mais satisfatório em comparação a décadas anteriores. O Programa Mais Médicos acabou revelando-se uma maneira de mexer em um espaço estabelecido, bastante delimitado, incrustado nas estruturas e instituição da elite branca brasileira, provocou todo o descontentamento e revolta dessa classe que se sentiu ameaçada por essa iniciativa do governo federal.

Nesse sentido, abre a possibilidade para que se discutam elementos que envolvem a condição e posicionamento em torno da classe média, trabalhadores e ralé brasileira de Jessé Souza (2009). A Classe médica brasileira é quem vai ocupar as melhores universidades e cursos

de educação espalhados pelo país, e nesse caso, o de medicina. E segundo Jessé Souza (2009), isso ocorre porque ela possui acesso aos melhores serviços, tais como: informação, saúde, acúmulo de uma boa educação, detém capital cultural e capital econômico. Trata-se de uma classe privilegiada, porque também possui os melhores recursos, capaz de se manter com boa competitividade no mercado, além de ter influência no Estado (SOUZA, 2009). A classe média ascende da ralé, já que esta vai fazer os serviços braçais, enquanto a classe média se qualifica estudando, acessando bons serviços e outros, se mantendo com seus privilégios (SOUZA, 2009). E Jessé evidencia isso nesse trecho, pois como o tempo das patroas são poupados pela empregada doméstica que faz o serviço, o tempo pode ser gasto em qualificação e aquisição de capital cultural:

Se pensarmos nas empregadas domésticas, temos uma ideia de como a classe média brasileira, por comparação com suas similares europeias, por exemplo, tem o singular privilégio de poder poupar o tempo das repetitivas e cansativas tarefas domésticas, que pode ser reinvestido em trabalho produtivo e reconhecido fora de casa (SOUZA, 2009, p.24).

Dessa maneira, terá mais facilidade em concorrer aos melhores postos de serviços e participar com boa qualificação no mercado de trabalho (SOUZA, 2009). Sendo que a ralé, vai ocupar postos de trabalhos desprestigiados, ou seja, profissões pouco expressivas e de baixa remuneração, já que também possuem pouca escolaridade e o tempo é comumente ocupado com o trabalho. Aqui pode-se pensar nos exemplos obtidos nas matérias de jornais, revistas e redes sociais, em que as médicas cubanas foram comparadas pela classe média à empregada doméstica, que é uma profissão vista como inferior no Brasil: “Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. Será que são médicas mesmo?” (CESTARI e FONTANA, 2014, p.174). Isso evidencia não somente o preconceito e a ideia enraizada de que médica tem que ter boa aparência e de preferência branca, mas as relações raciais e sociais que veem desde a escravidão, de acessão social de pessoas de estratos sociais inferiores causa incômodo, não sendo muito aceito pelas elites.

No entanto, houve algumas melhorias na condição de vida da ralé, uma vez que programas sociais como o “Mais Médicos, a valorização do salário mínimo, proporcionaram ascender como classe trabalhadora (SOUZA, 2009). E esta juntamente à ralé, não costumam circular nos espaços delimitados pela elite brasileira, e o que percebe é uma busca de manter as estruturas e dificultar o acesso dessas classes subalternas, uma vez que elas não fazem parte do seu meio social. A classe trabalhadora, segundo Jessé Souza, melhorou sua condição econômica, passou a ter mais espaço no mercado de trabalho, na educação, no mercado

consumidor, porém não chega a ser classe média (SOUZA, 2009). Todavia, em meio as melhoras sociais no contexto atual do Brasil, ainda existe uma diferença bastante profunda em termos de acesso a bens culturais e econômicos em relação às diversas classes que foram objeto de debate neste trabalho, isso corrobora para que a desigualdade social, apesar de ter diminuído na última década, continue a ser um grande desafio a ser extirpado no quadro socioeconômico brasileiro.

Considerações Finais

Portanto, o que se propôs nesse trabalho foi discutir os principais pontos e aspectos desenvolvidos e que giram em torno da questão racial que teve como base teórica o pensamento de Fanon (2008), a partir de seu livro “Pele negra e máscaras brancas”. A questão da mídia conservadora como meio de propagação do discurso de ódio, aversão e preconceito contra o programa “Mais Médicos”, de modo a reforçar as estruturas sociais consolidadas e estabelecidas da elite brasileira. E dentro desse objetivo de estudo, abriu-se um leque de análises e discussões, sendo que foi utilizada a categoria estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson (2000) para compreender os espaços estabelecidos da classe que se apodera desses, de modo a manter seus privilégios, a classe média. Entendendo que na perspectiva fanoniana, em que o branco, com a colonização, criou estereótipos negativos, de inferiorização e imputou aos negros, sendo a classe média se apodera disso, que vai estar impregnado nas estruturas sociais, e nas instituições.

Amplia-se a discussão para uma análise de preconceito e estigmatização desses sujeitos tidos como outsiders após migrarem para o Brasil, sofrem com a discriminação já na chegada, e vão circular e ocupar os espaços delimitados e estabelecidos. Dentro desse espaço, há uma classe média detentora de privilégios sociais, culturais e econômicos, que controla a informação, que propagou o ódio ao “Mais Médicos”, e segundo Jessé (2009), se ascende explorando a ralé, e mantém sua posição privilegiada na sociedade. Nesse sentido, as categorias desse autor, como: classe média, classe trabalhadora e ralé, aliada ao discurso elitista, também ganham destaque para entender as relações sociais no que diz respeito ao processo de inferiorização, que atingem os médicos cubanos, que foram comparados a trabalhadores que exercem profissões de menos prestígio, assim como a aparência desses sujeitos, o que revelou todo um preconceito e discriminação. Assim, comumente o discurso e universo social da elite

são comprados e reproduzidos no cotidiano da sociedade brasileira, de modo a afirmar sua superioridade e inferiorizar o outro.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, et al. Mais Médicos: um programa brasileiro em uma perspectiva Internacional. Interface, Botucatu. V.19, n.54, jul/set. 2015, ISSN 1414-3283 On-line version ISSN 1807-5762.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica do julgamento**. São Paulo: EdUSP, Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 2004. Capítulo I: Espaço social e espaço simbólico (pp. 13-34).

CAMPOS, G.W.S, PEREIRA JÚNIOR, N. **A atenção primária e o programa mais médicos do sistema único de saúde: conquistas e limites**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2016, vol.21, n.9, pp.2655-2663. ISSN 1413-8123.

ELIAS, N.; SCOLTSON, J. **Os estabelecidos e Outsiders**. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, D. M. **Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. ISSN 2177-9503. 2013.

FONTANA-ZOPPI, M; CESTARI, M.J. “Cara de empregada doméstica”: discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 14132109. pp. 168-185.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/cubana-do-mais-medicos-foge-para-miami-apos-pressao-da-ilha/> Acesso em 15/07/2017

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/justica-autoriza-cubana-do-mais-medicos-a-ficar-no-brasil/>

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/ciencia/entidades-iniciarao-nova-ofensiva-contr-o-mais-medicos-2/> Acesso 15/07/2017.

Disponível em: <http://fazendomedia.org/medicos-cubanos-o-cheiro-da-intolerancia/> Acesso em 06/01/2017.

Disponível em: <http://istoe.com.br/cubana-do-mais-medicos-ganha-direito-de-receber-salarios-atrasados/> Acesso 21/07/2017

Disponível em: <http://istoe.com.br/cuba-suspende-envio-de-medicos-para-o-brasil/> Acesso 21/07/2017

Disponível em: <http://maismedicos.gov.br/resultados-para-o-pais>. Acesso: 07/08/2017.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/politica/mais-medicos-brasil-ja-transferiu-r-28-bi-para-cuba/> Acesso em 15/07/2017.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/politica/medica-cubana-nao-quer-deixar-o-brasil-e-se-insurge-contr-havana/> Acesso em 15/07/2017.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-tiro-no-pe-das-entidades-medicas-2840.html>. Acesso em 06/01/2017.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/201cexistem-tambem-escravos-brancos-nao- apenas-pretos201d-5989.html>. Acesso em 10/01/2017.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/928/o-desmonte-do-mais-medicos>. Acesso em 11/032016.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-impasses-para-a-contratacao-dos-medicos-cubanos-3719.html>. Acesso em 25/03/2016.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/sem-mais-medicos-pais-voltaria-a-sofrer-com-falta-de-profissionais>. Acesso em 27/032106.

Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/08/27/o-medico-cubano-negro-e-a-intolerancia-da-nossa-elite-branca/>. Acesso em 02/02/2016.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/elianecantanhede/2013/08/1331534-aviao-negreiro.shtml>. 17/04/2016.

Disponível em: <https://saudeglobal.org/2013/09/06/a-nudez-por-tras-do-jaleco-eliane-brum-entrevista-deisy-ventura/>. 15/04/2016.

ORTIZ, Renato. **Frantz Fanon: Um itinerário político e intelectual**. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v.4, n.2 jul-dez 2004, pp 425-442.

SANTOS, L.M.P. et al. **Programa Mais Médicos: uma ação efetiva para reduzir iniquidades em saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2015 vol.20, n.11, pp.3547-3552. ISSN 1413-8123.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador.** 1º ed. São Paulo: companhia das letras. 2012.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.